

POR UM PROGRAMA INVESTIGATIVO PARA OS ESPORTES NA NATUREZA

Recebido em: 02/03/2008

Aceito em: 28/03/2008

Cleber Augusto Gonçalves Dias

Grupo de Pesquisa Anima (UFRJ)

Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (UFRJ)

Grupo de Pesquisa Esporte, lazer e natureza (UFF)

Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: Sugerir uma linha de ação claramente definida que facilite a sistematização de importantes dados e informações que vêm sendo construídas sobre os esportes na natureza, mas, em geral, de maneira mais ou menos dispersa. Em poucas palavras, é essa a intenção deste trabalho. Pretende-se apresentar uma proposta de abordagem que tomem esses esportes no âmbito dos estudos propriamente esportivos e, ao mesmo tempo, no seu marco cultural, e que, desse modo, se utilizem de produtos culturais como livros, filmes e revistas especializadas enquanto instrumentos de análise etnográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Esportes na Natureza. Estudos Culturais. Antropologia.

FOR ONE PROGRAMS OF RESEARCH FOR THE SPORTS IN THE NATURE

ABSTRACT: To suggest a line of action clearly defined that the systematization of important data facilitates and information that comes being constructed on the sports in the nature, but, in general, dispersed way. In few words, the intention of this work is this. It is intended to present a proposal of boarding that they take these sports in its cultural landmark, and in this way, if they use of cultural products as books, films and specialized magazines while instruments of ethnographic analysis.

KEYWORDS: Leisure. Sports in the Nature. Cultural Studies. Anthropology.

Os últimos anos têm testemunhado um sensível crescimento de atividades de lazer realizadas na natureza, com destaque para aquelas de caráter especificamente esportivo. O campo acadêmico, por seu turno, vem correspondendo a esse processo apresentando pesquisadores dedicados ao estudo deste assunto em particular. Assim, consolida-se uma nova especialidade que realiza congressos, organiza publicações e

empreende iniciativas editoriais de toda espécie.

No entanto, em que pese o avanço dessas ações, nota-se ainda alguma carência de integração e articulação. Em geral, as pesquisas se desenvolvem isoladamente e de maneira mais ou menos dispersa. A ausência quase total de qualquer nível de reflexão sobre a avalanche de conceitos utilizados para descrever essas atividades é apenas um indício desta desarticulação. Mesmo em eventos científicos onde os pesquisadores se reúnem precisamente para debater questões em comum, não é fácil perceber de que maneira os temas-chave ou problemas transversais estão sendo colocados nas discussões. Por vezes, parece mesmo estar-se diante de um diálogo de surdos.

Nesse quadro, minha proposta aqui é a de sugerir um programa de pesquisas para essas atividades, a fim de constituir-lhe como uma espécie de agenda: um ponto de convergência dos esforços investigativos já em curso, mas que aparecem de forma um tanto gaseificada. Em parte, esse programa vem sendo desenvolvido no recém-criado grupo de pesquisa Esporte, lazer e natureza e sua proposta quer se desenvolver, basicamente, através de duas linhas de ação que, grosso modo, correspondem às linhas de pesquisa do próprio grupo. A primeira, diz respeito a uma tentativa de abordar esses esportes por uma perspectiva histórica, bem como suas implicações conceituais. Não vou tratá-las aqui por uma questão de espaço e porque já comentamos essas necessidades em outras oportunidades (DIAS; MELO; ALVES JUNIOR, 2007). A segunda, a que vou me dedicar agora, diz respeito a uma abordagem antropológica desses esportes, onde temos enfatizado sua relação com as dinâmicas urbanas (ver DIAS; ALVES JUNIOR, 2006; DIAS, 2008). Aqui, particularmente, pretende-se ampliar o foco de atenção através da sugestão de um quadro ampliado de fontes etnográficas, mas sempre tendo em vista o desejo de apreender-lhes os sentidos e

significados.

I

É certo que a etnografia descortina férteis possibilidades de interpretação. Não por acaso, estudos dessa natureza têm sido relativamente comuns nas análises sobre o lazer esportivo na natureza a título de exemplo, ver (MONTEIRO, 2003; PIMENTEL 2006; SOUZA, 2004). Nesse caso, geralmente utilizam-se procedimentos metodológicos clássicos, tais como a observação participante ou análise de discurso. Quanto a isso não há nenhuma objeção. Nossa questão aqui será a de sugerir fontes alternativas que possam ampliar o quadro de possibilidades de estudos nesse sentido, nomeadamente, a utilização de livros, filmes e revistas especializadas como fontes etnográficas.

Transformar produtos desse tipo em informantes, interrogando-lhes da mesma maneira como se argüiu um entrevistado, não constitui nenhum malabarismo intelectual. A questão da alteridade pode perfeitamente ser equacionada por meio de um exame de documentos dessa natureza.

Ruth Benedict, por exemplo, já mostrou à história da antropologia o que se pode fazer “não estando lá”. Em “O crisântemo e a espada”, estudo sobre a sociedade japonesa, a antropóloga investiga a ideologia, as maneiras e os costumes cotidianos daquele povo sem em nenhum momento recorrer a qualquer tipo de observação participante, afinal, o livro foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial (Cf. BENEDICT, 2006). Trata-se, no entanto, de um estudo reconhecidamente eficiente. Alguns se referem a ele como uma proeza, “uma façanha que não decorre do trabalho de campo (...) uma das etnografias mais mordazes que alguém já escreveu” (GEERTZ,

2005, p. 143-161).

Admira-se mesmo a ausência do trabalho de campo, esse mito fundador da própria disciplina antropológica. Benedict sustenta toda a sua análise a partir de uma considerável e surpreendente variedade de fontes: notícias de jornal, entrevistas com imigrantes, transmissões radiofônicas, biografias e autobiografias, novelas e romances, filmes ou documentos parlamentares, interditos imperiais e até um manual de leitura para crianças de seis anos. A opção por esta abordagem, que usa tudo que está ao alcance das mãos, não comprometeu nem o rigor nem a profundidade da análise. Ao contrário, parece tê-las potencializado.

Mais recentemente, trabalhos como os de Kathleen Ashley (1990), James Clifford (1998), André Green (1994) ou mesmo os de Clifford Geertz *Op.cit.* – só para citar os que me ocorrem agora – tem enfatizado explicitamente as relações entre literatura e teoria social, ou mais precisamente entre a antropologia e a literatura, entendida aqui enquanto uma “prática” ou “discurso social”.

No caso dos estudos do esporte, poderíamos cogitar perspectivas análogas, onde um livro redigido por um montanhista poderia ser tomado como valiosa fonte de pesquisa. Para usarmos um jargão antropológico, um produto como esse assumiria o estatuto de “literatura indígena”, uma verdadeira “fonte etnográfica” que transcreve, ainda que parcial e relativamente, realidades esportivas a serem interpretadas.

A leitura atenta e minuciosa de um livro como *Annapurna*, por exemplo, é capaz de colocar o pesquisador frente a frente com o dia-a-dia de um grupo de alpinistas em plena ação. A forma como Maurice Herzog, autor do livro e líder da expedição retrata aquela realidade, permite entrever imaginários e toda uma escala de valores. Ali, pode-se perceber como os montanhistas concebem sua relação com a natureza, como se

relacionam entre si no cotidiano, bem como perceber suas angústias, motivações, medos e percepções.

Depois de se estupefar com a magnitude da montanha, se encantar com a exuberância e singularidade daquelas paragens, se imaginar triunfante no topo da colina, hesitar quanto ao futuro da empreitada, temer pela vida dos seus companheiros; depois de rir, discordar, brigar e reatar em meio a um ambiente, a um só tempo, fascinante e aterrorizante, que promove uma vivência intensa e inesquecível, Herzog, já com alguns membros amputados, oferece-nos sua reflexão a respeito do sentido final daquela experiência:

“Para cada um de nós, o Annapurna é um ideal realizado: em nossa juventude não vivíamos perdidos nos relatos imaginários ou nos combates sangrentos que as guerras modernas oferecem para alimentar a imaginação das crianças. A montanha foi para nós uma arena natural onde, jogando com os limites da vida e da morte, encontramos a liberdade que, obscuramente, procurávamos e da qual precisamos como de pão. A montanha nos ofereceu suas belezas que admiramos como crianças ingênuas e que respeitamos como um monge respeita a idéia divina. O Annapurna para o qual nós todos teríamos ido sem um tostão furado é um tesouro do qual viveremos. Com essa realização é uma página que se vira. É uma nova vida que começa” (HERZOG, 2001, p. 367).

Interessante anotar que esse tipo de relato se inscreve numa longa tradição literária: a chamada literatura de viagem, que alcançou grande popularidade entre o final do século XVIII e transcurso do século XIX. Muitos elementos estéticos desse tipo de narrativa se fazem presente até os dias de hoje, agora, sob o rótulo de “literatura de aventura”. “A explosão dos esportes de aventura no Brasil foi acompanhada recentemente pela publicação de vários livros ligados ao assunto” (RAZEL, 2006). Livros que relatam as aventuras da família Schurmann, do Almir Klink ou do Waldemar Niclevitz se desenvolvem sob uma estrutura discursiva que guarda uma série de permanências e continuidades com relação aquele gênero literário. Sempre através do olhar viajante, esses livros unem exploração, aventura e emoções, através de uma

combinação de elementos que tocam o deslocamento físico em direção ao desconhecido (que diz respeito tanto ao lugar quanto as pessoas), as impressões afetivas, a descrição de paisagens e o aprimoramento pessoal.

Num desses relatos, o montanhista Thomaz Brandolin (2005) fala da sua expedição ao Everest. No momento em que se depara com a grandiosidade da montanha, o escritor-esportista pergunta-se: o que leva homens a “arriscarem suas vidas em busca de apenas alguns minutos de prazer” (p. 97)? Segundo ele próprio: “Não dá para responder apenas racionalmente ao porquê de se escalar montanhas”. Ainda na busca por explicações, o autor começa lembrando que em outra experiência como aquela, “a emoção de chegar ao topo foi tão forte que não parávamos de nos abraçar enquanto lágrimas escorriam por nossos rostos cansados mas felizes” (*Ibid.*).

Em seguida, fala do isolamento, da solidão, da falta de testemunhas, da ausência de pessoas com as quais pudessem compartilhar a alegria e da imprevisibilidade dos acontecimentos: “nem sempre é possível prever como vai se comportar a natureza, nem se teremos forças para enfrentá-la” (p. 137). Mas a despeito de tudo, “é a emoção de viver essas incertezas do destino e o desafio de saber lidar com ele, que me leva para as grandes montanhas”. Por fim, concluiu:

“Nesse aspecto, alpinismo é um compromisso apenas pessoal, onde cada um aceita, silenciosamente, os riscos envolvidos. Não é nem uma questão de buscar a vitória ou a derrota, pois escalar montanhas é um esporte onde você não tem adversários para derrotar. Seu maior inimigo são seus próprios medos e fracassos. É a superação pessoal que se busca. São as vivências adquiridas, são as paisagens descortinadas dentro de nós mesmos o que importa. Por isso, o simples ato de escalar uma grande montanha já é muito emocionante. Considero chegar ao cume uma espécie de troféu. É uma recompensa aos nossos esforços. Sem dúvida, provoca fortes emoções. É uma euforia incontida, é alegria, é aquela sensação gostosa de ver realizado um sonho quase impossível, e tudo isso misturado ao cansaço e ao torpor causado pelo ar rarefeito. Não, o alpinista não é um louco que não tem amor à vida. Pelo contrário, ele ama a vida e quer vivê-la com muita intensidade e pureza (...).”

Em suma, nesse tipo de obra, pode-se perceber a ênfase em determinados

aspectos que serão retomados com alguma insistência em várias publicações do tipo. A noção de “irracionalidade”, por exemplo, ou seja, de que se trata de algo que não pode ser explicado encontra-se com espantosa regularidade, oferecendo os indícios necessários para o trabalho de interpretação. Além do já mencionado “não dá para responder apenas racionalmente ao porquê de se escalar montanhas”, podemos citar Jon Krakauer (2006). Para este, que coincidentemente também escrevera sobre uma expedição ao Everest: “Havia muitas e ótimas razões para não ir, mas tentar escalar o Everest é um ato intrinsecamente irracional – um triunfo do desejo sobre a sensatez. Qualquer pessoa que contemple tal possibilidade com seriedade está quase que por definição além do alcance de argumentos racionais” (p. 11).

Os exemplos poderiam se multiplicar tanto no que diz respeito à aparição de citações nesse sentido, quanto na ampliação do número de categorias, que abarcam noções como “natureza”, “risco”, “amizade” ou “auto-superação”, por exemplo. Mas saber o significado do uso tão regular de categorias como essas ou usa-las já para uma análise propriamente dita não é o propósito aqui. Por ora, importa reter apenas que suas aparições, em si mesmas, comunicam alguma coisa acerca desses esportes; e parte do seu entendimento pode passar pela análise desses discursos.

No mesmo sentido, e alargando ainda mais as possibilidades, biografias ou diários (também incluídas, tal como os “relatos de viagem” ou a “literatura de aventura”, na abrangente classificação de “gênero não-ficcional”) também podem permitir visualizar os modos de recrutamento, as motivações, os valores, as aspirações e frustrações em torno desses esportes, bem como o seu cotidiano.

II

Os filmes também podem ser ricos instrumentos de análise. Nesse caso em especial, tem-se ainda a peculiaridade de podermos identificar nesse encontro entre a linguagem audiovisual com o esporte, um poderoso diálogo intersemiótico. Segundo Victor Melo (2006a), a constituição da sociedade moderna deu-se, em larga medida, através do uso da imagem. Segundo ele, isso não se deu somente a partir do cinema, mas envolveu outras manifestações, incluindo aí o esporte. Em verdade, têm-se aí, segundo ele, duas manifestações que se influenciaram reciprocamente num diálogo constante: “E esse percurso nos permite vislumbrar uma possibilidade de compreender os discursos acerca da sociedade, determinadas representações, certos mitos. Estar atento a isso, como ferramenta de investigação (...) é uma necessidade e um desafio para todos nós pesquisadores” (MELO, 2006b, p. 25).

A partir disso, é interessante observamos como vai se constituindo esforços investigativos no sentido de tomar o cinema como suporte para a análise esportiva. São comentários de filmes sobre esporte que apresentam metáforas, sugerem temas, fornecem a caracterização descritiva de personagens ficcionais que se aproximam em muito da vida real e assim por diante. Nesse sentido, produções cinematográficas desse gênero, entrelaçam narrativas e formas de enquadramento da realidade, fazendo eco a uma determinada economia moral que perpassa o mundo esportivo, constituindo-se como “síntese sociológica”; veículo de expressão de certas peculiaridades ver (MELO, ALVITO, 2006). Em suma, são obras que ajudam a refletir sobre o esporte, ampliando os esforços de compreensão.

Tais perspectivas também se descortinam, é claro, para o estudo dos esportes na natureza. Pois se o cinema tem sido um veículo privilegiado para a difusão dos esportes em geral, talvez o tenha sido de maneira particularmente intensa nos esportes na

natureza. De início, podemos citar o chamado “cinema de montanha”, um tipo de produção cinematográfica regular, encontrada desde o início do século XX, que se dedica a retratar a montanha em seus múltiplos desafios.

Já em 1901, apenas seis anos após a invenção do cinema, tem-se o filme *Cervin*, anônimo e com duração de seis minutos, que retrata a ascensão à montanha de mesmo nome. Nos anos seguintes, algumas outras poucas produções mais ou menos como essa ainda teriam vez. Na década de 1910 os italianos avançaram nessas técnicas de produção e dominaram o cenário. Nessa época, já surgem os primeiros filmes rodados na Cordilheira do Himalia. Em meados da década de 20, resgatando sua forte tradição romântica, os alemães se apresentam como a vanguarda do cinema de montanha, constituindo a chamada “escola alemã”. Nomes como Arnold Frank, apresentado por alguns críticos como o mais importante cineasta de filmes etnográficos de todos os tempos, começam a realizar os primeiros *takes* sobre esquis. Na década de 30, é a França, através da sua “escola francesa”, quem protagoniza uma nova abordagem cinematográfica para a montanha e para os seus esportistas. Marcel Ichac com a “noção de cinema-verdade” será responsável por uma autêntica revolução sob este aspecto (LEPROHON, 1944).

Enfim, temos uma longa tradição cinematográfica, cujo conhecimento pode ser valiosíssimo para ampliar nossos entendimentos acerca dos sentidos e significados desta explosão da busca pela natureza que se testemunha recentemente entre nós. Por intermédio dessa trajetória, difunde-se e consolidam-se certas representações, até o ponto em que chegamos aos dias de hoje, quando vemos os badalados festivais internacionais de cinema de montanha (os *Banff Mountain Film Festival*), que de certo modo, estimulam produções nacionais em médias e curtas metragens e, acima de tudo,

geram símbolos de identificação coletiva entre os adeptos e simpatizantes desses esportes.

Outros casos no mesmo sentido podem ser encontrados no surfe. Tal como ocorrera com o montanhismo, a produção de filmes foi um catalisador de novas sensibilidades esportivas e acabou impulsionando a difusão global de sua prática. Praticamente desde os seus primórdios têm-se registros de imagens, numa situação que permite pensar o surfe como um esporte cinematográfico por excelência.

A profusão de imagens de homens e mulheres descendo ondas de pé sobre pranchas foi um ingrediente chave na popularização desse esporte. Várias análises são unânimes em apontar certos filmes, como *Gidget*, de 1956, como um verdadeiro divisor de águas na história do surfe (KAMPION, 2003; YOUNG, 1994). Depois de seu lançamento à estimativa do número de surfistas na Califórnia saltou de 5.000 para 100.000, num curto período de seis anos (BOTH, 1995).

Seguindo esses indícios, a exemplo do que acontece nos estudos do esporte de maneira geral, também no caso dos esportes na natureza veremos o surgimento de experimentos interpretativos que tomem a linguagem cinematográfica como ponto de partida. Joan Ormrod (2005), ao analisar o filme *Endless Summer*, de Bruce Brown, onde dois surfistas exploram lugares desconhecidos em busca de ondas perfeitas, vivendo o sonho do verão sem fim, diz que, de certo modo, este foi um filme que definiu modelos para a prática do surfe. Apresentou os surfistas como pessoas que apreciavam a aventura e uma vida nômade, devotando suas vidas quase que exclusivamente ao esporte. A partir dele, o resto do mundo poderia ter um olhar desobstruído do surfe como um estilo de vida. E de fato, o modelo divulgado por esta película se estabeleceu de forma hegemônica. Desde então, noções e valores vinculados

naquela obra, tais como a idéia de viagem a lugares paradisíacos ou o desapego a bens materiais, nunca mais deixariam o surfe.

Leanne Stedman (1997) também já utilizou filmes como forma de acessar dinâmicas culturais no âmbito do surfe. Segundo a autora, produções mais recentes expressam uma nova dinâmica de produção idenditária nesse esporte, sendo esses filmes a materialização de caracteres comportamentais tipicamente pós-modernos, sobretudo no que toca a individualização e a mercantilização. Nesse caso, a autora destaca o modo de produção desses filmes, realizados quase sempre por fabricantes de materiais e concentrados, especificamente, nas performances individuais dos “seus” atletas patrocinados, deixando de lado o estilo de vida e outros atributos simbólicos que outrora já foram marcas desse gênero cinematográfico.

Estudos como os de Susanna Howe (1998), sobre a história cultural do *snowboarding*; ou o de Nick Ford e David Brown (2006) sobre o surfe e a teoria social, também mencionam o papel desempenhado por filmes e mesmo fotografias na construção do repertório de imagens e representações desses esportes. Joanne Kay e Suzanne Laberge (2003), no mesmo sentido e de forma talvez até mais radical, buscam compreender a maneira pelas quais filmes como *Freerider* constroem uma escala de valores e um modo particular de apreensão para modalidades como o esqui. Segundo as autoras, em meio à multiplicidade de significados inerente a esses “novos esportes”, a ênfase na associação com a noção de liberdade perdura. Nesse caso, sua recorrente vinculação com temas tais como a mobilidade serviria como estratégica publicitária, onde “o esqui constitui um objetivo correlato ao hedonismo americano (...) está relacionado a tudo que é a quintessência da América – vida, liberdade e o prazer da felicidade” (p. 386).

Entre nós, eu mesmo já problematizei questões sobre o surfe a partir do filme de animação *Tá dando onda* (DIAS, 2007). Na ocasião, meu argumento foi o de que aquela produção apresentava “uma série de elementos muito caros a esta modalidade, da onde é possível, inclusive, depreender reflexões sobre alguns dos seus sentidos e significados”. A retratação pública dos surfistas de acordo com estigmas da preguiça e da irresponsabilidade, a incorporação cotidiana de um universo de referências comportamentais extraídas do esporte ou a mobilização de figuras heróicas do passado para um determinado enquadramento de memória, foram algumas das questões apontadas a partir do filme.

Victor Melo e Rafael Fortes (2008)¹, por seu turno, também já deflagraram empreendimentos no sentido de tomar filmes de surfe como suporte de análise. Tomando o surfe brasileiro no contexto dos anos de 1970 e 1980 como alvo, os autores analisaram os primeiros filmes nacionais que focaram esse esporte como tema. Seguindo suas conclusões, *Nas ondas do surf* (1978), *Nos embalos de Ipanema* (1978), *Menino do Rio* (1981) e *Garota dourada* (1983) são produções que, com algumas particularidades, podem ser tomados como provas da sedimentação desta cultura esportiva no Brasil, bem como do mercado ao seu redor. Eles já apresentavam um determinado perfil e estereótipo para esses esportistas, que é aquele do personagem controvertido, “que tem problemas com a polícia e/ou com aqueles que não o compreendem em suas opções de vida, equivocadamente considerado por uns um desviante, por outros, um alienado” (p. 11). Enfim, “Tais películas permitem captar um importante momento de configuração do campo constituído ao redor desta prática, tendo contribuído (...) para a divulgação (...) do estilo de vida e da cultura a ela relacionadas”

¹ MELO, Victor; FORTES, Rafael. *O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80*. 2008. Mimeografado.

(p. 25).

Por último, devemos mencionar que a regularidade da aparição dos esportes na natureza em filmes, bem como os seus modos de construção de narrativa, já constitui uma interessante evidência do tipo da sua relação com o quadro social contemporâneo, onde “tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13). Igualmente, o fato de pessoas como Tom Lisanti (2005), crítico de uma revista nova-iorquina chamada *Cinema Retro*, ter se dedicado a escrever um livro sobre filmes de surfe, serve para ilustrar a facilidade com que esses esportes se decodificam como instrumentos de efetivação histórica daquelas tendências macrosociais chamadas pós-modernas, como é o caso do pastiche ou da moda retro, segundo Fredric Jameson (2006), “um dos aspectos ou práticas mais significativos do pós-modernismo hoje” (p. 21).

III

Um outro elemento que pode servir as ambições interpretativas dos esportes na natureza é sua imprensa especializada, que capitania a edição de uma série de revistas nesse sentido. No mundo contemporâneo, são poucas as coisas que podem ser mais onipresentes do que os meios de comunicação de massa. Eles podem, sabidamente, influenciar a opinião pública geral, interferindo no rumo de importantes acontecimentos, como as eleições, as relações internacionais ou a diplomacia. No esporte, horários de realização dos jogos e até mesmo suas regras são alteradas a fim de torná-las mais convenientes para as transmissões televisivas.

Mas essa relação entre esporte e mídia data desde os primórdios do processo de esportivização. Ainda no século XIX, em meio aos seus primeiros passos, os jornais já desempenhavam um papel bastante importante. A difusão de práticas como o ciclismo

tem uma dívida clara com esse veículo em particular. Provas tradicionais como o *Tour de France*, foram iniciativas de donos de jornais, que interessados em acontecimentos capazes de induzir a venda, organizaram provas desse tipo, com duração relativamente longa e se estendendo até lugares distantes, “produzindo” notícias com apelo popular (WEBER, 1998). No Brasil, o esporte também se articulava com os jornais desde muito cedo. Modalidades como o turfe, o ciclismo e pouco mais tarde o remo, entabularam grande interdependência com esses meios de comunicação (MELO, 1991).

Na década de 1930, com a cobertura jornalística de Mário Filho na imprensa escrita e o início das locuções pelo rádio, o esporte, notadamente o futebol, ganharia novas proporções (ARAÚJO, 2001). Até hoje é comum que em algumas cidades do interior se encontre grande número de torcedores de times cariocas. Isto se deve, exatamente, ao fato das primeiras transmissões radiofônicas de partidas de futebol terem acontecido no Rio de Janeiro, dando penetração e visibilidade nacional para essas equipes. Desse modo, os mais afastados rincões do país podiam tomar conhecimento da existência desses times e acompanhar suas partidas, sempre em meio a uma profusão de comentários e estruturas discursivas que os exaltavam e mobilizavam grande carga emocional.

Mais recentemente, a televisão também alterou profundamente a escala e a dimensão dessas conexões dos meios de comunicação com o esporte, de modo que os meios de comunicação seguem se apresentando como um importante vetor de irradiação.

Sob estes aspectos, os esportes na natureza também não fogem a regra. Desde o início da década de 60 temos os primeiros registros nesse sentido com as revistas de surfe norte-americanas, seguidas, poucos anos depois, pelas revistas australianas. Mais

ou menos na mesma época, aparece no montanhismo inglês a revista *Mountain*.

No Brasil, foi na segunda metade dos anos 70 que surgiram às primeiras iniciativas desse gênero. Em primeiro lugar, com a revista *Brasil Surf*, seguida pela revista *Realce* (já na década de 80). Aparece também a revista *Montanha* e na sequência a *Headwal* (ambas sobre montanhismo). Nessa época lança-se ainda a *Fluir* e sete anos depois a *Hardcore*.

Hodiernamente, seguindo as tendências de super-especialização surgem novas iniciativas editoriais como a *Go Outside*, *Aventura & Ação*, *Wake Brasil*, *Air* e as recém-criadas *Wind Surf Mania* e *Kite Surf Mania*, para não mencionarmos canais televisivos como o *Woohoo* ou a *TV Jam*, além dos sítios especializados na internet como *Web Ventunre*, *O Radical*, *Waves* ou *360 graus*.

Mais do que isso, observa-se também o crescente espaço dedicado a esses esportes na imprensa não especializada. Em meados de setembro de 2007 o jornal *O Globo* lançou uma coluna semanal voltada, especificamente, aos “esportes radicais”. De acordo com a reportagem que anunciava a nova seção: “É um mundo novo que passará a ser explorado pelos repórteres de Esportes, acostumados a cobrir de perto o futebol e os esportes olímpicos” (O GLOBO, 14 set. 2007, p. 2).

De maneira mais pontual, em uma série de outros jornais e revistas, também se percebe uma retratação mais ou menos regular desses esportes. Além de fornecerem informações úteis para o seu estudo, pode-se pensar também em analisar as formas de representação sobre a experiência na natureza que são construídas e entabuladas por esses meios de comunicação.

Mary Jane Spink (2001) analisa as mudanças dos sentidos na noção de “risco-aventura” a partir da linguagem utilizada e posta em circulação por jornais e revistas.

Em um dos casos, a autora chega a pesquisar o seu uso metafórico a partir de reportagens que traziam a palavra risco no seu título; publicadas na Folha de São Paulo entre 1921 e 1998. No estudo como um todo, ocupa-se de investigar qual o “repertório interpretativo” colocado em uso para abordar assuntos ligados à idéia do risco em diferentes domínios do saber: dos esportes a economia, da saúde a biotecnologia. Busca-se, nesse caso, identificar “o conjunto de termos, conceitos, lugares-comuns e figuras de linguagens utilizadas para falar de um fenômeno específico” (p. 1278), nesse caso, a aventura.

Apesar de suas questões extrapolarem o campo esportivo, sua análise toca diretamente no assunto. Independente das conclusões, interessa nesse momento a forma como o experimento foi conduzido, exemplificando como diferentes formas de representação, incluindo a própria linguagem, são produções culturais, “estando inscritos nos textos, imagens e lugares de memória que constituem o imaginário social” (*Ibid.*).

É claro que esse entendimento e essa forma de análise se aplicam mais especificamente aos esportes. De certo modo, outros estudos já têm apontado nessa direção. É o caso dos trabalhos de Belinda Wheaton e Becky Beal (2003), que investigando skatistas norte-americanos e windsurfistas ingleses, se perguntam sobre o papel desempenhado por revistas especializadas no processo de construção de identidades destas respectivas modalidades. Segundo elas, esse papel é múltiplo, complexo e fluído: “a mídia especializada joga um papel central na criação e evolução dessas culturas (...) são uma rede crucial para a definição e distribuição do conhecimento cultural (...) na disseminação de informação sobre essas atividades para seus membros e na criação e circulação de símbolos e sentidos deste capital cultural” (p.

157).

Em trabalhos como o de Sam George (2001) também se pode observar a forma como essa imprensa especializada define e caracteriza esses esportes, no caso, o surfe, tornando-se, nas suas palavras, “a voz de toda uma geração”. O esforço de traduzir numa combinação de palavras e imagens “o que é o surfe” ou fornecer uma definição dos estilos que se sobrepõe e são tomados como válidos, faz publicações como essa se decodificarem como um verdadeiro informativo acerca daqueles mundos esportivos.

No Brasil, trabalhos como os de Marcelino da Silva (2006), por exemplo, também se utiliza de obras jornalísticas como instrumento de análise. Nesse caso, investiga-se o futebol e sua mudança histórica de uma posição elitista e socialmente excludente para algo mais popular e de alcance mais abrangente, especialmente pela inclusão dos negros e dos pobres. Através de uma interpretação do discurso do jornalismo esportivo, Marcelino da Silva aponta para o papel desempenhado por tais estruturas discursivas nesse processo, sobretudo através da figura do Mario Filho, que, segundo suas conclusões, foi decisiva.

Tem-se ainda, já tratando especificamente de esportes na natureza, trabalhos como os de Rafael Fortes (2005), que estuda as representações construídas em torno do surfe em diferentes meios de comunicação, notadamente a propaganda, os filmes, as novelas e o jornalismo especializado, como são as revistas temáticas. Segundo ele, essas diferentes formas de “construção midiática” são arenas de construção de “padrões de consumo, de referências e de identidade”, “uma importante instância de produção de significados”, “elementos ativos na construção da realidade”, que “estabelecem parâmetros e valores para esta comunidade”, onde o surfe se apresenta como algo que “transcende a prática do esporte” e é, em grande medida, “construído pelo universo da

mídia”; “um esporte midiático por excelência” (p. 2-3).

Ao debruçar-se sobre as edições comemorativas da revista *Fluir*, Fortes (2007) vai destacando a mudança na editoração e no perfil dos anunciantes, os temas destacados com regularidade e mais que tudo os modos pelos quais o passado vem sendo lembrado. Com esta abordagem, ele vai sublinhando as co-relações entre o desenvolvimento da revista ao longo dos seus 25 anos de existência e o desenvolvimento do próprio surfe, onde “Diferentes indivíduos, grupos, veículos e instituições, com os mais diversos objetivos, implícitos ou explícitos, recorrem ao passado, de variadas formas, em busca do fortalecimento de seus argumentos e pontos de vista no presente” (p. 20). Nesse sentido, continua o autor, “As celebrações de aniversário são oportunidades-chave para a revista (re) construir o passado, sempre (re) visto a partir do lugar que ela ocupa no presente”.

Por último, extrapolando o âmbito das publicações especializadas ou de uma modalidade em especial, começam a aparecer também pesquisas como as de Marília Bandeira (2008), voltada à forma como os jornais têm caracterizado, representado e apresentado esses esportes. Investigando os termos pelos quais os “novos esportes” são designados e noticiados, a autora tentou verificar “que estatuto a imprensa brasileira edita para os esportes não tradicionais” (p. 7). A partir de considerações sobre a frequência de reportagens, os cadernos em que são publicados e as associações e caracterizações de cada um dos termos geralmente empregados, seu trabalho persegue as regras e padrões de significação dessas práticas. Com a peculiaridade de ter se ocupado de um veículo de comunicação mais abrangente como são os jornais, cujo público de leitores é maior e mais heterogêneo se comparado ao das revistas especializadas, a pesquisa, segundo duas próprias premissas, tentou mesmo apreender

toda uma estrutura narrativa que reflete o pensamento social mais geral acerca desses esportes.

IV

Esses são exemplos que ilustram minimamente algumas das possibilidades que podem se apresentar para o estudo dos esportes na natureza a partir do uso analítico de livros, filmes ou publicações jornalísticas especializadas. Em última análise, cada um desses produtos pode servir como suporte privilegiado para a investigação dessas modalidades.

A sua sugestão como veículo para estudos etnográficos não pretende substituir procedimentos metodológicos mais consagrados como o trabalho de campo. Quer-se apenas acrescentar a este outras possibilidades igualmente produtivas. Nesse caso, “a arte e a literatura são para o esporte uma sociologia indireta, uma psicanálise, um testemunho (...) a investigação da presença do esporte na arte nos interessa na medida em que nos esclarece sobre a identidade do esporte” (*Apud* MELO, 2006a., p. 21).

Esta proposta não deve, portanto, ser tomada como alguma coisa ligada ao campo da comunicação. Na verdade, isto é tudo que não se pretende aqui, em que pese algumas semelhanças. Pra longe disso, minha idéia foi, em primeiro lugar, a de tentar situar os estudos dos esportes na natureza no âmbito dos estudos dos esportes de um modo mais geral. Em segundo lugar, tentar localizá-los de maneira radical na esfera da cultura, entendendo-a aqui como um modo de vida, no seu sentido antropológico.

Neste ponto, cultura e sociedade devem ser tomadas em sua relação de reciprocidade, quer dizer, como a estrutura-estruturante de um modo de vida que, por sua vez, também articula seus significados. Desse modo, a maneira pela qual se usufrui

o lazer, se pratica o esporte, se produz a literatura, se realiza os filmes ou se produz as notícias não pode se abstrair do mundo material e cotidiano que os cerca. Em conjunto, cada uma dessas instâncias será uma significativa expressão dos contextos que os motivou e os produziu, concorrendo para a sua própria constituição, sendo, simultaneamente, sua causa e consequência.

Em outras palavras, a fim de apreender os seus sentidos e significados, quer-se tomar aqueles artefatos culturais que foram sugeridos como um canal de expressão privilegiado de todo um modo de vida atrelado a esses esportes; como algo constituído por processos sociais mais amplos, mas que ao mesmo tempo, constituem-nos, dando-lhes forma.

“Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem representacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem” (BARBOSA, 1998, p. 16).

Se considerarmos ainda as dificuldades que o estudo de esportes como esses podem oferecer, aí sim essa proposta pode ser ainda mais factível. Em certas circunstâncias, a realização de uma observação participante não será apenas difícil, senão impossível. Exceto o caso de ser um superatleta o pesquisador que pretenda dedicar-se ao estudo dessas modalidades, seu acesso a alguns locais de prática será completamente inviável. Pois como compartilhar o convívio com um grupo de pessoas em seu próprio ambiente quando este ambiente é uma parede rochosa com mais de 800 metros de altura ou quando boa parte deste convívio se dá sobre *jet-skys* e em meio a ondas de 15 metros? Podem ser grandes as barreiras físicas e técnicas para se acompanhar certos esportistas. Aí, a busca por outros canais de acesso ao seu universo cultural pode suprir algumas carências e aliviar certas dificuldades.

Foi nesse sentido que se tentou então apresentar essas formas de abordagem

como caminhos possíveis entre muitos para a edificação de um programa investigativo de médio prazo para os esportes na natureza.

Referências

- ARAÚJO, Flávio. O rádio, o futebol e a vida. São Paulo: Senac, 2001.
- ASHLEY, Kathleen M. Victor Turner and the construction of cultural criticism: between literature and anthropology. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- BANDEIRA, Marília. Comunicação, contemporaneidade e os “novos” esportes: a cobertura da Folha de S. Paulo, 2008. Monografia (Especialização em Teoria e Práticas da Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.
- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte, MG: C/Arte, 1998.
- BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BRANDOLIM, Thomaz. Everest: viagem à montanha abençoada. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- BOTH, David. Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing. *Journal of Sport History*, v. 22, n. 3, p. 189 – 206, 1995.
- CLIFFORD, James. A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Cleber. Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro. 2008. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. Tá dando onda. Disponível em: <www.grupoanima.org>. Acesso em: 14 dez. 2007.
- DIAS, Cleber; ALVES JÚNIOR, Edmundo. Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro. Niterói: EdUFF, 2007.
- _____. Esporte, cidade e natureza: um estudo de caso. *Licere*, Belo Horizonte, v. 9, n.1, p. 37-53, 2006.
- DIAS, Cleber; MELO, Victor; ALVES JUNIOR, Edmundo. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 7, n. 3, set./dez. 2007.

FORTES, Rafael. Entre passado, presente e futuro: a memória nas edições comemorativas da revista Fluir. *Esporte e sociedade*, v. 2, n. 6, jul./out. 2007. Disponível em: <www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc>.

FORTES, Rafael. O surfe nas ondas da mídia: uma proposta de abordagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. [Anais eletrônicos...]. São Paulo: Intercom, 2005. 1 CD – ROOM.

GEERTZ, Clifford. *Vidas e obras: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

GEORGE, Sam. *The perfect day: 40 years of surf megazine*. California: Chronicle Books, 2001.

GREEN, André. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HERZOG, Maurice. *Annapurna: o primeiro cume de mais de 8 mil metros conquistado pelo homem*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

KAMPION, Drew; BROWN, Bruce. *Stoked: a history of surf culture*. Utha: Gibbs Smith, 2003.

KRAKAUER, Jon. *No ar rarefeito*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEPROHON, Pierre. *Le cinéma et montagne*. Paris: Jean Susse, 1944.

LISANTI, Tom. *Hollywood surf and beach movies: the first wave (1959 – 1969)*. North Carolina: McFarland & Company, 2005.

MELO, Victor. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006a.

_____. *Futebol e cinema: duas paixões, um planeta*. In: MELO, Victor; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: FGV, 2006b.

MELO, Victor; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MELO, Victor; FORTES, Rafael. *O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80*. 2008. Mimeografado.

MONTEIRO, Sandoval Villaverde. Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. 2003. 143f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

O GLOBO. Jornalismo com adrenalina, p. 2, Rio de Janeiro, 14 set. 2007.

ORMROD, Joan. Endless summer (1964): consuming waves and surfing the frontier. *Film & History*, vol. 35, n.1, p. 39-51, 2005.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Risco, corpo e socialidade no vôo livre. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RAZEL, Jean Claude. Um pouco de literatura. Disponível em: <http://webventureuol.uol.com.br>. Acesso em: 15 abril 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

SOUZA, Fabiana. O imaginário no rafting. São Paulo: Zouk, 2004.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.17, n. 6, p.1277-1311, Dez. 2001.

STEDMAN, Leanne. From Gidget to Gonad Man: surfers, feminists and postmodernisation. *Journal of Sociology*, v.33, n. 1, p. 75-90, 1997.

WEBER, Eugen. França fin de siecle. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WHEATON, Belinda; BEAL, Becky. 'Keeping it real': subcultural media and the discourses of authenticity in alternative sport. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 38, n. 2, p. 155-176, Jun. 2003.

YOUNG, Nat. The history of surfing. 2.ed. Utah: Gibbs Smith, 1994.

Endereço do Autor:

Cleber Augusto Gonçalves Dias
Rua Otávio de Souza, lote 12, quadra D, casa 1,
Campo Grande, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 23097-30.
Endereço Eletrônico: cag.dias@bol.com.br